

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

DIRECÇÃO-GERAL DE INOVAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Ensino Recorrente de Nível Secundário

PROGRAMA DE FILOSOFIA A

(Opção de 12º ano)

Cursos Científico – Humanísticos de:

Ciências Socioeconómicas

Ciências Sociais e Humanas

Línguas e Literaturas

Artes Visuais

COORDENADORA

Maria Manuela Bastos de Almeida

AUTORES

Fernanda Henriques

Joaquim Neves Vicente

Maria do Rosário Barros

Homologação

31/10/2006

ÍNDICE

1ª Parte	Introdução	2
	1. Da natureza da disciplina de Filosofia no 12º ano e da sua integração no currículo	2
	2. Do presente Programa de Filosofia do 12º ano	2
2ª Parte	Apresentação do Programa	5
	1. Finalidades	5
	2. Objectivos Gerais	5
	3. Visão Geral do Programa	7
	4. Sugestões Metodológicas Gerais	8
	5. Avaliação	10
3ª Parte	Desenvolvimento do Programa	14
	1. Esquema formal	15
	2. Fichas das Obras	16
	Módulo 1	16
	Módulo 2	21
	Módulo 3	27
4ª Parte	Bibliografia	35

1ª PARTE – Introdução

1. Da natureza da disciplina de Filosofia no 12º ano e da sua integração no currículo

Em conformidade com os planos de estudo dos cursos do ensino recorrente de nível secundário de educação, aprovados pela Portaria n.º 550-E/2004, de 21 de Maio, a disciplina de Filosofia do 12º ano, que toma a designação de *Filosofia A*, ocupa o lugar de uma opção, na componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Ciências Socioeconómicas, de Ciências Sociais e Humanas, de Línguas e Literaturas e de Artes Visuais.

2. Do presente Programa de Filosofia do 12º ano

O Programa de Filosofia, que agora se apresenta à comunidade educativa, constitui uma adaptação do Programa de Filosofia A dos Cursos Científico-Humanísticos de nível secundário de educação (homologado em 13/12/2002), ao *Regime de organização, funcionamento e avaliação dos cursos de ensino recorrente de nível secundário de educação*, aprovado pela Portaria n.º 550-E/2004, de 21 de Maio, que determina uma estrutura modular.

O programa que agora se apresenta, adaptado ao ensino recorrente, mantém, tal como o Programa de Filosofia A dos Cursos Científico-Humanísticos, o espírito que presidiu à reformulação do anterior programa de Filosofia, publicado em Abril de 1995.

Na adaptação do Programa de Filosofia A ao ensino recorrente introduziram-se apenas as alterações impostas pelo modelo organizativo, em regime modular, dos cursos do ensino recorrente de nível secundário de educação.

Assim, a presente adaptação do Programa de Filosofia A ao ensino recorrente:

- Assume as “**opções programáticas**” explicitadas no programa de 1995
 - quer quanto ao “objectivo geral ou critério” da disciplina, a saber, “adquirir a competência específica do saber filosófico”;
 - quer quanto à importância fundamental do discurso escrito, porque a filosofia é um saber que se elabora em discurso e, em particular, no discurso escrito;
 - quer, ainda, quanto ao primado da língua materna, cujo domínio se encontra inscrito como objectivo transversal da responsabilidade de todas as disciplinas.

- Assume também de entre os “**princípios programáticos**” do programa de 1995:
 - o primado da obra, tomada esta na sua dupla função de modelo discursivo, por um lado, e fonte de instrução nos processos, problemas e doutrinas filosóficas, por outro;
 - a obrigatoriedade da leitura integral de três obras;
 - a reciprocidade do ler e do escrever.
- Propõe, para leitura integral o novo **elenco de obras** fixado pelo Programa de Filosofia A dos Cursos Científico-Humanísticos, que fora recortado do anterior, em função dos seguintes critérios de selecção:
 - escolha preferencial do corpo docente nos últimos anos;
 - representatividade no cânon filosófico e maior atenção à diversidade das problemáticas e das perspectivas filosóficas;
 - importância relevante no panorama filosófico, em geral, de autores portugueses.

Obs.: A explicitação e justificação dos critérios adoptados constam do Quadro 1.
- Enuncia, como o Programa de Filosofia A dos Cursos Científico-Humanísticos, um conjunto de **princípios metodológicos a observar** e um **referencial básico de competências a desenvolver**, tendo por finalidades:
 - permitir um maior consenso nas práticas de leitura integral, análise metódica, comentário de texto e composição filosófica escrita;
 - garantir mais transparência e justiça nos processos de avaliação.
- A presente adaptação do Programa de Filosofia A ao ensino recorrente, embora mantenha o elenco das obras apresentadas no programa de Filosofia A dos Cursos Científico-Humanísticos do ensino secundário diurno, introduz por via das exigências do regime modular do ensino recorrente, as seguintes alterações:
 - as obras são agrupadas em três conjuntos correspondentes aos três módulos em que se organiza a disciplina de Filosofia A no ensino recorrente (Cf. p.7);
 - o trabalho sobre cada uma das obras, a seleccionar de cada conjunto, corresponde a um módulo;
 - é atribuída a cada escola a responsabilidade pela selecção, no início de cada ano lectivo, das três obras a leccionar na modalidade de frequência presencial e que serão objecto de avaliação, também, na modalidade de frequência não presencial.

Quanto à **forma de apresentação** do programa, a adaptação agora proposta é elaborada em conformidade com as directrizes do Ministério da Educação, embora a natureza do programa do 12º ano imponha um ajustamento do modelo proposto para o «desenvolvimento do programa».

QUADRO 1 – CRITÉRIOS DE SELECÇÃO DAS OBRAS

O novo **elenco de obras** propostas para leitura integral foi elaborado em função dos seguintes critérios:

- **Escolha preferencial dos professores nos últimos anos.**

O primeiro critério que foi tido em consideração na selecção das obras agora propostas foi o da preferência dos professores nos anos anteriores.

Assim, transitam do elenco anterior para o actual as obras *Górgias* e *Fédon*, de Platão, *O Mestre*, de S. Agostinho, *Proslogion*, de S. Anselmo, *Princípios da Filosofia*, de Descartes, *Carta sobre a Tolerância*, de Locke, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de Kant, *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, e *Os Problemas da Filosofia*, de Russell.

Em conformidade com o mesmo critério, foram excluídos do elenco agora proposto aqueles textos que nos anos anteriores colheram apenas a preferência de um reduzido número de professores. A adopção deste princípio não advém de qualquer cedência a um processo votacional; pelo contrário, assenta no reconhecimento de que as escolhas realizadas se devem a razões justas e fundamentadas, e, por isso, não só se mantiveram as obras mais escolhidas como se substituíram as outras, para gerar um novo campo de decisão.

- **Representatividade no cânon filosófico e maior atenção à diversidade das problemáticas e perspectivas filosóficas.**

Em alternativa às obras que nos anos anteriores não recolheram a preferência dos professores, optou-se pela selecção de alguns novos textos em função de dois critérios maiores: a *representatividade no cânon filosófico* e *uma maior atenção à diversidade das problemáticas e das perspectivas filosóficas*. Embora se tenha optado por uma redução, ainda que moderada, do número de textos a incluir no novo elenco, pensamos que, com esta alteração, se alargou o campo efectivo de escolhas para a maioria dos professores.

Em função da *representatividade no cânon filosófico*, se explica a continuação da presença: de Aristóteles, com a substituição do texto *As Categorias* pelo *Livro I da Metafísica*; de Hegel, com o texto *A Razão na História* em substituição de *Introdução à História da Filosofia*; de Heidegger, com a substituição de *Da Essência da Verdade* por *A Origem da Obra de Arte*. Assim se compreende, ainda, a permanência da mesma obra de Husserl, de que só agora vai haver tradução. Por motivos de extensão adequada de obra ou falta de tradução não foram reintroduzidos alguns autores incluíveis neste critério.

Em função do critério de *maior atenção à diversidade das problemáticas e perspectivas filosóficas*, foram incluídos os textos de Pico della Mirandola, D. Hume, K. Marx, J. Stuart Mill e H. Arendt.

- **Autores portugueses**

Considera o grupo de autores que é legítimo que a Escola portuguesa difunda a cultura e o pensamento portugueses; nesse contexto e, tendo em atenção o critério da representatividade das obras escolhidas no cânon filosófico, escolheu-se inserir no novo elenco a obra de Francisco Sanches, *Que nada se sabe*. A opção por esta obra, em relação a outras possibilidades equivalentes, como por exemplo *Summulae Logicales, I parte*, de Pedro Hispano, deveu - se ao facto da sua acessibilidade.

2ª PARTE – Apresentação do Programa

A disciplina de Filosofia A, no 12º ano, adopta e define como próprios as seguintes finalidades e os seguintes objectivos gerais:

1. Finalidades

- Reconhecer e compreender a especificidade do saber e do discurso filosóficos.
- Dominar progressivamente as competências específicas inerentes à leitura e à produção do discurso filosófico.
- Apropriar-se do saber filosófico através da análise, interpretação, comentário e apreciação crítica das obras filosóficas.
- Elaborar com cientificidade o discurso escrito mediante o qual se fixam, reconstróem e comunicam os saberes

2. Objectivos Gerais

A – No domínio cognitivo

- Desenvolver instrumentos cognitivos, conceptuais e metodológicos decisivos para uma efectiva realização do trabalho filosófico.
- Analisar os textos filosóficos, identificando os problemas que equacionam, as soluções que adoptam, assim como os argumentos que invocam.
- Interpretar e compreender criticamente os conceitos, as proposições e as teorias em torno dos quais se estruturam as obras de leitura integral.
- Confrontar e comentar as perspectivas e as teorias fixadas e transmitidas nos textos filosóficos.

B – No domínio das atitudes e dos valores

- Desenvolver hábitos de leitura activa e crítica que evite a adopção e a reprodução passivas de ideias mal compreendidas.
- Desenvolver atitudes de disponibilidade de espírito para a compreensão de questões complexas implicadas nos temas, problemas e teses veiculados pelos textos de leitura integral.
- Ter a coragem de pensar por si mesmo e argumentar os seus pontos de vista, sem dogmatismo, mas também sem indiferença.
- Desenvolver a sensibilidade estético-literária.

C – No domínio das competências, métodos e instrumentos

- Promover a definição de um modelo pessoal de abordagem do trabalho textual, centrado na compreensão do papel da metodologia como instrumento do rigor reflexivo.

- Promover a identificação e o domínio dos diferentes modelos filosóficos de produção textual.
- Dominar os processos de redação, em conformidade com as exigências do discurso filosófico, de composições escritas que assegurem a configuração e a comunicação das análises e comentários dos textos estudados assim como a configuração e a comunicação dos temas desenvolvidos.

3. Visão Geral do Programa

3.1. Leitura integral de uma obra filosófica por cada um dos três módulos

3.2. Distribuição das obras por cada um dos módulos

Módulo 1

Górgias, de Platão

Fédon, de Platão

Metafísica, Livro I, de Aristóteles

O Mestre, de Santo Agostinho

Proslogion, de Santo Anselmo

Módulo 2

Discurso sobre a Dignidade do Homem, de Pico della Mirandola

Que Nada se Sabe, de Francisco Sanches

Princípios da Filosofia, de René Descartes

Carta sobre a Tolerância, de John Locke

Investigação sobre o Entendimento Humano, de David Hume

Fundamentação da Metafísica dos Costumes, de Immanuel Kant

Módulo 3

A Razão na História, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844, de Karl Marx

Utilitarismo, de John Stuart Mill

O Nascimento da Tragédia ou Mundo Grego e Pessimismo, de Friedrich Nietzsche

A Crise do Homem Europeu e a Filosofia, de Edmund Husserl

Os Problemas da Filosofia, de Bertrand Russell

A Origem da Obra de Arte, de Martin Heidegger

Verdade e Política, de Hannah Arendt

4. Sugestões Metodológicas Gerais

Das opções e dos princípios programáticos assumidos pelo presente programa, assim como das finalidades e objectivos definidos, decorrem as sugestões metodológicas gerais que a seguir se apresentam segundo uma organização pensada a partir de um conjunto de *princípios metodológicos* a observar e de um *referencial de competências* a desenvolver.

Princípios Metodológicos

– Princípio da reciprocidade da leitura e da escrita

Tomando o texto escrito como ponto de partida e ponto de chegada do trabalho filosófico a desenvolver nos três módulos do 12º ano, a leitura do texto escrito, por um lado, e a produção do texto escrito, por outro, aparecem como as duas faces do mesmo trabalho interpretativo, mediante o qual se pretende levar alunas e alunos a “adquirir a competência específica do saber filosófico”. Aceita-se, assim, na esteira do programa de 95, que “ A filosofia é um saber que se elabora em discurso através da interpretação dos discursos que expressam, arquivam, conservam e transmitem as experiências em cuja compreensão consiste o saber filosófico. Em termos de efectividade e validade científicas, somente no discurso a filosofia tem acesso ao seu objecto e somente através do discurso escrito o pode analisar, descrever e teorizar”. Assim sendo, quer pela via da leitura interpretativa dos textos a conhecer, quer pela via da produção própria de textos, pretende-se chegar ao que o mesmo programa designou por “cientificidade específica do discurso filosófico”.

– Princípio da dupla função da obra filosófica

As três obras filosóficas a ler integralmente devem ser trabalhadas não apenas como fontes de instrução nos problemas e doutrinas filosóficas, mas, também, como fontes de instrução nos processos discursivos. Neste contexto, deve-se prestar um cuidado equivalente tanto ao conteúdo das obras como ao veículo formal em que foi vertido. Por isso, a textualidade da obra deve ser objecto de atenção particular, de maneira a desvelar que o *dito* e o *modo de o dizer* são constitutivamente interdependentes. Essa prática decorre da sugestão metodológica clara de que a leitura deve ser já ordenada para a aprendizagem da escrita.

– **Princípio da intertextualidade na análise e comentário do texto filosófico**

Dado que uma das dimensões das obras filosóficas é a historicidade que as atravessa e que cada uma protagoniza a seu modo, propõe-se que a análise e o comentário filosóficos dos textos sejam feitos em diálogo com outros textos, relevando de posições filosóficas concorrentes. Com este princípio procura-se garantir que o comentário e a crítica textual, de cada obra, não sejam apenas internos ou a partir de posições meramente subjectivas e de discursos comuns, mas, antes, que a discussão e a problematização das posições de um qualquer texto possam ser feitas com base num confronto com posições filosóficas inscritas noutros textos.

Referencial de Competências

– **Competências relativas à leitura filosófica do texto escrito**

A afirmação, frequentemente reiterada, segundo a qual mais importante que a leitura de textos filosóficos é a leitura filosófica dos textos, recolhe, seguramente, amplo consenso. O que já não é nada consensual é saber exactamente o que se deve entender por leitura filosófica de um texto, sendo certo que cada corrente ou perspectiva filosófica oferece a sua própria caracterização. Assim sendo, não pode um programa de filosofia definir, o mesmo é dizer prescrever, qualquer modelo rígido sob pena de constrangimento inaceitável da pluralidade filosófica e da liberdade de ensino. Mas pode também perguntar-se se um programa de filosofia de âmbito nacional, pode dispensar-se de procurar gerar um acordo mínimo que possa contribuir para uma aproximação das práticas de leitura textual e de produção discursiva. Foi com este espírito que se optou pela proposta que se passa a explicitar.

Ler filosoficamente um texto é trabalhá-lo segundo aquelas dimensões que podem ser tidas como propriamente filosóficas. Sem exclusão de outras possíveis, o programa adopta como dimensões filosóficas mais relevantes, a trabalhar na análise e comentário das obras, as seguintes três dimensões:

- a **problemática** do texto,
- a sua **rede conceptual**,
- e a sua **estrutura argumentativa**.

A partir destas três dimensões maiores, tomadas como denominador comum de uma análise metódica do texto, com vista à sua interpretação e compreensão, cada docente saberá encontrar as tarefas e sugerir os procedimentos mais convenientes para cada texto (para cada parágrafo, parte ou capítulo e também para a totalidade da obra), em consonância, igualmente, com as suas convicções hermenêuticas.

Este referencial mínimo de competências a assegurar na leitura filosófica dos textos não impede, antes solicita, o desenvolvimento de outras competências propedêuticas a que cada docente não deixará de atender.

– **Competências relativas à composição filosófica do discurso escrito**

A forma literária do discurso filosófico assumiu muitas figuras, desde o ensaio ao tratado, da meditação à autobiografia, do fragmento e aforismo ao diálogo. A pergunta pela forma ideal de exposição do saber filosófico encontra-se necessariamente ligada à questão da concepção da filosofia e, muitas vezes, da problemática em causa. Uma certa tradição didáctica vigente no ensino secundário, consagrou, desde há mais de um século, como formas privilegiadas da composição filosófica três modalidades específicas: a **análise metódica** de um texto, com vista à sua explicação; o **comentário crítico**, mediante a discussão das ideias nele fixadas; e a **dissertação**, como forma de apresentação, discussão e argumentação sobre um determinado tema, problema ou até sobre um curto excerto textual.

São também estas as três modalidades discursivas que o presente programa propõe como metas a atingir no final de cada módulo, tomadas como tradução adequada das opções e dos princípios programáticos adoptados, tomadas também como expressão da consecução bem sucedida das finalidades e objectivos definidos.

O privilégio dado a estas modalidades discursivas mediante as quais se hão-de configurar, fixar e comunicar o saber filosófico adquirido, não dispensam o recurso a outras modalidades de composição para apreensão e expressão dos conhecimentos a adquirir, tais como resumos de parágrafos ou capítulos, notas de leituras complementares, sínteses reflexivas pessoais, e outras.

5. Avaliação

As orientações para a avaliação que seguidamente se explicitam, para além dos princípios reguladores gerais e dos princípios reguladores específicos, indicam também um conjunto de actividades e modalidades discursivas a dominar no final de cada módulo, que devem ser tomadas como expressão do referencial de competências a avaliar.

Princípios reguladores gerais

- A avaliação tem por função prioritária regular e otimizar o processo de ensino e de aprendizagem, ajudando "o aluno a aprender e o professor a ensinar"¹.

¹ Perrenoud (1993) in DES (2000). *Revisão Curricular no Ensino Secundário – Cursos Gerais e Tecnológicos* (p. 46). Lisboa: DES

- A avaliação deverá ainda ter início antes mesmo do processo de ensino e de aprendizagem, diagnosticando as condições de possibilidade de trabalho filosófico: limites e potencialidades linguísticas, competências e deficiências discursivas, dificuldades e facilidades de comunicação, hábitos e métodos de estudo e trabalho intelectual.
- Enquanto reguladora de todo o processo de ensino e de aprendizagem, a avaliação deverá incidir sobre todos os elementos que integram o processo (objectivos, conteúdos, competências, metodologias, actividades e recursos) e não apenas sobre os resultados da aprendizagem.
- Para assegurar as aquisições cognitivas desejáveis e garantir a realização bem sucedida das actividades e das produções discursivas que traduzem o domínio das competências definidas programaticamente, a avaliação deverá ser eminentemente formativa.
- Para poder ser realmente formativa e assegurar com desejado êxito as aprendizagens previstas, a avaliação implica *a)* a explicitação clara de instruções inequívocas para a realização das tarefas, *b)* a apreciação dos resultados em função de critérios objectivados, compreendidos e reconhecidos pelas alunas e alunos, e *c)* a comunicação oportuna das observações correctivas e dos resultados.
- Para poder ser efectivamente formativa, a avaliação deverá ser também tendencialmente contínua, ou seja, deverá incidir, na medida do possível, em todos os momentos e actividades do processo de ensino e de aprendizagem, por forma a evitar aquisições cognitivas erróneas ou realizações equivocadas que venham a prejudicar aquisições e realizações futuras.
- A avaliação, para poder ser formativa, deverá ser realizada com os alunos e as alunas, enquanto primeiros interessados em experiências cognitivas bem sucedidas, enquanto intérpretes privilegiados de reais dificuldades, enquanto únicos conhecedores de algumas dúvidas ou hesitações, enquanto únicos conhecedores de algumas potencialidades que passam despercebidas.

Princípios reguladores específicos

Atendendo à especificidade do trabalho filosófico a desenvolver em cada módulo, cujas opções programáticas definem como objectivo geral ou critério "adquirir a competência específica do saber filosófico", relevando a "importância fundamental do discurso escrito"; atendendo também ao princípio programático que releva a importância da "reciprocidade do ler e do escrever", todo o processo de avaliação deverá:

- incidir preferencialmente sobre as produções discursivas escritas;

- recolher nas obras filosóficas a ler integralmente, tomadas como fontes instrutivas nos processos discursivos, modelos de composição filosófica a levar à prática;
- fornecer as orientações metodológicas consideradas indispensáveis para a composição das modalidades discursivas a dominar;
- explicitar, de forma compreensiva, os critérios de apreciação dos textos a produzir;
- em particular, fornecer orientações metodológicas e critérios de apreciação para a análise metódica dos textos, o comentário crítico e a dissertação.

Actividades e modalidades discursivas a dominar com a leitura integral das obras

No final de cada módulo, os alunos e as alunas deverão ser capazes de:

1. Recolher informação relevante, utilizando fontes diversas, sobre a temática da obra lida integralmente, e saber utilizá-la criticamente.
2. Clarificar o significado e utilizar de forma adequada os conceitos fundamentais, que constituem a rede conceptual de cada obra lida integralmente.
3. Redigir textos, sob a forma de resumos ou sínteses das obras lidas ou suas partes, que expressem de forma clara, coerente e concisa o resultado do trabalho de análise, compreensão e reflexão sobre os problemas filosóficos nelas efectivamente tratados.
4. Participar em debates acerca dos temas e dos problemas encontrados nas obras, confrontando e valorando diferentes posições filosóficas.
5. Analisar de forma metódica (na totalidade ou excertos) as obras lidas integralmente, atendendo, entre outras, às seguintes dimensões:
 - identificação do tema ou problema;
 - contextualização histórico-filosófica do excerto e/ou obra;
 - clarificação dos conceitos e suas relações;
 - explicitação das posições ou teses defendidas;
 - análise dos argumentos, razões ou provas avançados.
6. Compor textos filosóficos, com destaque para as seguintes modalidades discursivas:
 - a) Análise metódica de um texto,
 - identificando a problemática do texto,
 - fazendo sobressair as posições ou teses nele defendidas,
 - aclarando a rede conceptual,
 - dando conta da estrutura argumentativa.
 - b) Comentário crítico de um texto,
 - formulando com precisão a sua problemática,
 - dando conta das teses assumidas pelo autor,

- procedendo a uma discussão e avaliação das teses do texto pelo confronto com teses concorrentes.
- c) Dissertação sobre um tema,
- formulando com precisão as questões que suscita,
 - expondo com imparcialidade respostas já dadas,
 - confrontando as teses concorrentes entre si,
 - elaborando uma resposta reflectida e argumentada à questão ou problema.

3ª PARTE – Desenvolvimento do Programa

Dada a natureza do programa do 12º ano que, pelo princípio de escolha em que assenta, é elaborado por cada docente ou por cada escola, optou-se por propor apenas um esquema formal do desenvolvimento possível do trabalho a realizar e manter uma ficha para cada obra do elenco apresentado.

1- Esquema formal do desenvolvimento de cada módulo

Conteúdos	Percurso de aprendizagem	Competências /Actividades	Gestão da carga horária
<p>Leitura integral da obra filosófica escolhida²</p>	<p>1. Apresentação da obra e justificação da sua selecção</p> <p>2. Leitura integral da obra</p> <p>A leitura integral de cada obra deve concretizar-se nas actividades de ler/ interpretar e escrever, tendo por <u>objectivos</u>:</p> <p>2.1. Adquirir um conhecimento geral do conteúdo temático e do modelo discursivo da obra</p> <ul style="list-style-type: none"> – situando o texto no seu contexto histórico – filosófico e no conjunto das obras do autor, – identificando as questões ou problemas em torno das quais se organiza a argumentação na obra, – dando conta das respostas ou soluções defendidas pelo seu autor, – procedendo ao levantamento e esclarecimento da rede conceptual, – identificando a estrutura argumentativa. <p>2.2. Desenvolver um comentário ou estudo crítico da obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> – problematizando as respostas dadas e os argumentos despendidos, pelo confronto com respostas alternativas e respectivos argumentos, – questionando a adequação dos conceitos mobilizados, – descobrindo soluções que directa ou indirectamente contraria. 	<p>Competências a desenvolver</p> <ul style="list-style-type: none"> – Capacidade de interpretar – Capacidade de conceptualizar – Capacidade de problematizar – Capacidade de argumentar – Capacidade de integrar e de sintetizar <ul style="list-style-type: none"> · elaborar sínteses reflexivas · estruturar temáticas ou rede conceptuais unificadoras – Capacidade de elaborar com cientificidade o discurso filosófico escrito. <p>Actividades</p> <ul style="list-style-type: none"> – Exposição de passagens da obra – Resumos de cada obra ou parte dela – Análise metódica de excertos textuais da obra lida – Problematização dos pressupostos e da argumentação da obra – Análise da linguagem e da argumentação – Comentários críticos de excertos textuais da obra lida – Dissertações sobre temas abordados no decurso da leitura integral da obra 	<p>30 a 36 unidades lectivas de 90 minutos³</p>

Avaliação

✓ *A avaliação sumativa na modalidade de frequência presencial, a realizar em contexto de turma, de forma contínua, em cada um dos módulos, deverá ter por referência os objectivos e as competências enunciados e desenvolvidos no processo de leitura integral da obra. Os instrumentos de avaliação devem ser concebidos em conformidade com a tipologia das actividades e modalidades discursivas efectivamente trabalhadas nas aulas.*

✓ *Na avaliação sumativa na modalidade de frequência não presencial, a prova de avaliação - incidindo só sobre um módulo ou sobre o conjunto dos três módulos - deve ter por referência os objectivos e as competências enunciados. Assim, deverá incluir itens que permitam avaliar os conhecimentos adquiridos com a leitura da obra correspondente ao módulo a avaliar ou das três obras correspondentes aos três módulos, bem como as competências específicas de análise metódica de textos, de comentário e de dissertação.*

Observação – *No início do ano lectivo, cada escola selecciona e divulga as obras a leccionar em cada um dos três módulos do 12º ano. A avaliação sumativa, quer na modalidade de frequência presencial, quer na modalidade de frequência não presencial, incide sobre essas mesmas obras.*

² Uma obra filosófica por cada um dos três módulos.

³ Tendo como referência os princípios reguladores do calendário escolar, prevêem-se 36 unidades lectivas de 90' para o Módulo 1, 33 unidades lectivas de 90' para o Módulo 2 e 30 unidades lectivas de 90' para o Módulo 3.

2 - Fichas das Obras

Módulo 1

Górgias [ou Sobre a Retórica], PLATÃO

Edição de referência⁴

Platonis Opera. Ed. J. Burnet. Tome III. Oxford: Clarendon Press.

Platon, Oeuvres Complètes. Tome III, 2^{ème} partie. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres".

Tradução portuguesa

Górgias. (Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério). Lisboa: Edições 70.

Horizonte temático

Da pergunta sobre a natureza da retórica à questão do "modo de vida que convém ao homem adoptar" na condução da sua existência privada e na condução da cidade.

Avaliação da retórica pela filosofia nas perspectivas técnica, epistemológica, ético-política e religiosa. Tecnicamente – não é uma arte; epistemologicamente – é deficiente por se declarar indiferente ao saber; eticamente – é condenável por se mostrar irresponsável pelas consequências da sua prática; politicamente – é suspeita por servir qualquer poder, incluindo a tirania; religiosamente – é censurável por não respeitar os valores tradicionais gregos.

Refutação das teses dos oradores. Inconsistência das suas posições – indiferença face à natureza, conhecimento e transmissão do conhecimento da justiça, mas incapacidade de defenderem as consequências vergonhosas das suas opções.

Exposição pelo filósofo, Sócrates, das exigências éticas de uma vida virtuosa. A filosofia como a preparação para a vida feliz, fundada no conhecimento, na temperança e na justiça. O cuidado da alma e o cuidado da cidade – avaliação da prática política dos responsáveis de Atenas. O filósofo como o verdadeiro político.

Epílogo – narração e apreciação de um mito sobre o julgamento das almas.

Conceitos

Adulação. Aparência. Arte. Bem. Castigo. Ciência. Cosmos. Crença. Dialéctica. Discurso. Felicidade. Filosofia. Filósofo. Justiça. Lei. Natureza. Opinião. Orador. Paixão. Poder. Política. Prazer. Retórica. Saber. Ser. Simulacro. Sofista. Sofística. Temperança. Tirania. Verdade. Vergonha.

Bibliografia

Chatelêt, F. (1977). *Platão*. Porto: Rés Editora.

Goldschmidt, V. (1991). *Les dialogues de Platon, structure et méthode dialectique*. Paris: PUF.

Kahn, C. H. (1983). Drama and Dialectic in Plato's Gorgias. In Julia Annas (Ed.), *Oxford Studies in Ancient Philosophy I* (pp. 75-122). Oxford: Clarendon Press.

Mckim, R. (1988). Shame and Truth in Plato's Gorgias. In Charles L. Griswold Jr. (Ed.), *Platonic Writings, Platonic Readings* (pp. 34-48). New York/London: Routledge.

Robin, L. (1968). *Platon*. Paris: PUF.

⁴ Considerando que as edições de referência têm sucessivas reimpressões, optámos por não indicar datas. Pelas mesmas razões foi adoptado idêntico critério para as traduções portuguesas das obras que constam do elenco programático. As datas indicadas na bibliografia são as das edições consultadas.

Edição de referência

Platonis Opera. Ed. J. Burnet. Tome I. Oxford: Clarendon Press.

Platon, Oeuvres Complètes. Tome IV, 1^{ère} partie. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres".

Tradução portuguesa

Fédon. (Tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo). Coimbra: Minerva.

Horizonte temático

A morte, a imortalidade e o sentido da vida. A atitude do ser humano perante a morte e a perspectiva da imortalidade da alma. A filosofia como ascese racional ou *exercício de morte*. O corpo como obstáculo ao verdadeiro conhecimento. A necessidade da alma se desprender das solicitações e impulsos do corpo para atingir o conhecimento.

O saber verdadeiro, a realidade inteligível e a natureza da alma. A problemática das ideias/formas.

Os argumentos sobre a imortalidade da alma – proposições e controvérsias.

A questão da relação alma-corpo e o mito do destino das almas.

A morte de Sócrates e o sentido da vida.

Conceitos

Alma. Alma-Harmonia. Aparência. Argumento. Bela-Esperança. Causa. Ciência. Contrários. Coragem. Corpo. Devir. Essência. Filosofia. Ideia/forma. Imortalidade. Inteligível. Logos. Misologia. Mito. Morte. Opinião. Participação. Purificação. Reminiscência. Saber. Sensível. Ser. Temperança. Transmigração. Virtude. Verdade.

Bibliografia

Chatelêt, F. (1977). *Platão*. Porto: Rés Editora.

Goldschmidt, V. (1991). *Les dialogues de Platon, structure et méthode dialectique*. Paris: PUF.

Mesquita, A. P. (1995). *Reler Platão. Ensaio sobre a teoria das ideias*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Robin, L. (1968). *Platon*. Paris: PUF.

Trindade Santos, J. (1998). *Fédon de Platão*. Queluz: Alda editores.

Livro I, Metafísica, ARISTÓTELES

Edição de referência

Aristotle's Metaphysics. Ed. W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press.

Tradução portuguesa

Metafísica, Livro I. (Tradução de Vincenzo Cocco). Coimbra: Atlântida.

Horizonte temático

A inclinação humana natural pelo conhecimento. A importância da visão e da memória no conhecimento. Experiência, arte e ciência – a estrutura hierárquica do saber. O saber das primeiras causas e dos primeiros princípios. A admiração como fonte do filosofar. A busca desinteressada do saber. A teoria das quatro causas.

Análise histórica da evolução do saber das primeiras causas e dos primeiros princípios.

Crítica das posições históricas sobre o saber das primeiras causas e dos primeiros princípios.

Conceitos

Acidente. Arte. Caos. Causa. Causa final. Causa formal. Causa material. Causa motora. Ciência. Conhecimento. Ente. Entendimento. Espécie. Essência. Experiência. Género. Ideia. Ilimitado. Limite. Memória. Movimento. Múltiplo. Ordenação. Princípio. Sensibilidade. Ser. Singular. Substância. Universal. Uno.

Bibliografia

Aubenque, P. (1962). *Le problème de l'être chez Aristote*. Paris: PUF.

Barnes, J. (Ed.). (1995). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gil, F. (1984). *Mimesis e Negação*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda,

Guthrie, W.K.C. (1981). *Aristotle: an encounter, A History of Greek Philosophy* (Vol.VI). Cambridge: Cambridge University Press.

Ross, D. (1987). *Aristóteles*. Lisboa: Dom Quixote.

Edição de referência

De Magistro in *Aurelii Augustini Opera*, Pars II, 2, volume XXIX de *Corpus Christianorum. S. Latina*. Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii.

Tradução portuguesa

O Mestre. (Tradução de António Soares Pinheiro). Porto: Porto Editora.

Horizonte temático

A relação entre falar ensinar e aprender. A locução reduzida ao ensinar e rememorar.

Análise da natureza das palavras enquanto sinais. A estrutura do sinal – som e significação. Relação entre as palavras e as coisas: primado das coisas sobre as palavras; da realidade sobre o sinal. O conhecimento das coisas superior aos sinais das coisas. Anterioridade do conhecimento das coisas relativamente ao dos sinais.

A ostensão como condição necessária do conhecimento. "Vacuidade, deficiências" e utilidade das palavras. Distinção e relação entre inteccionar e acreditar, e entre ver e rememorar. Identificação entre aprender e ver/intuir. O meio de conhecimento das coisas sensoriais – percepção pela visão ou pelos outros sentidos. O meio de conhecimento das coisas inteligíveis – a intuição da verdade interior pela razão. Cristo como a luz/Mestre interior da verdade.

Conceitos

Aprender. Coisas Inteligíveis. Coisas Sensíveis. Coisas Significadas. Conhecimento. Ensinar. Fé. Iluminação. Memória. Mestre. Nome. Palavra. Razão. Realidade. Sentidos. Significação. Sinal. Som. Verdade.

Bibliografia

- Carvalho, M. S. (2001). Contra o «Mestre». In AAVV, *Poiética do Mundo* (pp. 219-228). Lisboa: Edições Colibri.
- Gilson, E. (1982). *Introduction à l'étude de St. Augustin*. Paris: Vrin.
- Madec, G. (1975). Analyse du De Magistro. *Revue des études augustiniennes*, 21, pp. 63-71.
- Marrou, H. I. (1938). *Saint Augustin et la fin de la culture antique*. Paris: E. de Boccard.
- Riché, P. (1967). *Éducation et culture dans l'occident barbare*. Paris: Seuil.

***Proslogion*, SANTO ANSELMO**

Edição de referência

Opera omnia, Ed. F. S. Schmitt, 6 vol., Stuttgart / Bad Connstatt: Fromman Verlag, 1938-1961 (*Monologion, Proslogion, De grammatico, De veritate*).

Tradução portuguesa

Proslogion. (Tradução de Costa Macedo). Porto: Porto Editora.

Horizonte temático

O percurso da "fé em busca da inteligência" - inteligência da existência, da natureza e dos atributos de Deus.

Apresentação de um único argumento, fundado no princípio dialéctico da grandeza, para demonstrar a existência de Deus – "algo maior do que o qual nada pode ser pensado" – e deduzir os seus atributos.

A diferença entre saber que Deus é e saber o que Deus é – o carácter limitado e paradoxal do conhecimento humano da natureza divina.

A absoluta transcendência e incomensurabilidade de Deus.

Conceitos

Alma. Amar. Bem. Carência. Corpo. Criatura. Criador. Demonstração. Desejar. Deus. Entender (conhecer). Espírito. Eternidade. Existência. Intelecto. Fé. Felicidade. Impassibilidade. Justiça. Luz. Misericórdia. Necessidade. Onipotência. Pensar. Perdão. Razão. Realidade. Salvação. Sentir. Ser. Sensível. Temporalidade. Unidade. Verdade. Vida.

Bibliografia

Barth, Karl. (1958). *Fides quaerens intellectum. La preuve de l'existence de Dieu*. Paris/Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.

Mesquita, A. P. (1994). O conflito das racionalidades: a propósito da crítica kantiana do argumento ontológico. In M.J. Carmo Ferreira & L. Ribeiro dos Santos (Coord.). *Religião, História e Razão. Da Aufklärung ao Romantismo* (pp.125-146). Lisboa: Edições Colibri.

Moreau, J. (1960). *Pour ou contre l'insensé?*. Paris: Vrin.

Xavier, Maria Leonor. (1999). *Razão e Ser. Três Questões de Ontologia em Santo Anselmo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Módulo 2

Discurso sobre a Dignidade do Homem, Giovanni PICO DELLA MIRANDOLA

Edição de referência

De hominis dignitate, Heptaplus, De ente et uno. Ed. de Eugenio Garin. Firenze: Vallecchi Editore.

Tradução portuguesa

Discurso sobre a Dignidade do Homem. (Tradução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho). Lisboa: Edições 70.

Horizonte temático

A dignidade do ser humano, o grande milagre da criação, por oposição aos restantes seres criados. A natureza humana multiforme e cambiante (camaleónica), ontologicamente indefinida como riqueza de possibilidades.

O ser humano como microcosmos ou universo contracto, chamado a elevar-se até às realidades superiores.

O ser humano como única criatura artífice de si mesma, dotada da capacidade de plasmar-se e esculpir-se.

O ser humano como liberdade: importância da decisão; domínio da vontade sobre o saber abstracto.

A concórdia ou paz filosófica como ideal. Cada filosofia participa da unidade da verdade e se aproxima dela a seu modo.

Conceitos

Artífice de si. Concórdia. Corpo. Criação. Criatura. Debate público. Decisão. Dignidade humana. Espírito. Ignorância. Livre arbítrio. Metamorfose. Microcosmos. Natureza animal. Natureza humana. Paixões. Paz filosófica. Unidade da verdade. Vícios.

Bibliografia

André, J. M. (1987). *Renascimento e Modernidade. Do poder da magia à magia do poder*. Coimbra: Livraria Minerva.

Garin, E. (Ed.) (1963). *L'Opera e il pensiero di Giovanni Pico della Mirandola*. Firenze: Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento,

Garin, E. (dir.) (1991). *O homem renascentista*. Lisboa: Editorial Presença.

Pina Martins, J. V. (1976). *Jean Pic de la Mirandole. Un portrait inconnu de l'humaniste. Une édition très rare de ses conclusions*. Paris: PUF.

***Que Nada se Sabe*, Francisco SANCHES**

Edição de referência

Franciscus Sanchez, *Quod Nihil Scitur*. Lyon: Ant. Gryphium.

Tradução portuguesa

Que Nada se Sabe. In Francisco SANCHES, *Tratados Filosóficos* (Vol. 1, pp. 2-157) (Tradução de Basílio de Vasconcelos). Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Horizonte temático

Que Nada se Sabe ou a impossibilidade de qualquer conhecimento certo e seguro.

Crítica dos princípios e dos métodos do saber antigo, objecto de maior degradação na escolástica medieval: rejeição absoluta da possibilidade de um conhecimento da essência das coisas; rejeição do valor das definições e das categorias; contestação da estabilidade das palavras; recusa do argumento da autoridade; denúncia da futilidade do silogismo e da demonstração na ciência; redução da Lógica, da Dialéctica e da Retórica a jogos de palavras; refutação do conceito platónico de ciência.

A dúvida metódica e a admissão da experiência e do juízo como únicos meios da possibilidade de algum conhecimento (antecipação de Bacon e de Descartes). A verdadeira ciência, se alguma existe, só pode ser filha de um espírito livre e apenas de cada coisa por si.

Conceitos

Autoridade (argumento de). Ciência. Conhecimento. Definições verbais. Dialéctica. Dialécticos. Dúvida. Erro. Escolástica. Experiência. Ignorância. Juízo. Linguagem. Lógica. Retórica. Silogismo.

Bibliografia

Calafate, P. (1999). Prefácio. In Francisco Sanches, *Obra filosófica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Calafate, Pedro (dir.) (1999). *História do pensamento filosófico português* (Vol. II). Lisboa: Caminho.

Carvalho, Joaquim de (1991), "Introdução" a Sanches, Francisco, *Que nada se sabe*. Lisboa: Vega.

Giarratano, C. (1903). *Il Pensiero di Francesco Sanchez*. Napoli: Stab. Tip. Luigi Pierro e Figlio.

Moreira de Sá, A. (1947). *Francisco Sanches, Filósofo e Matemático* (2 vols.). Lisboa: (s/e).

Princípios da Filosofia, René DESCARTES

Edição de referência

Principia Philosophiae. Reprodução em *Oeuvres de Descartes*, Ed. Charles Adam & Paul Tannery, Vol VIII. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.

Les Principes de la Philosophie. Tradução de Picot. Paris. Reprodução em *Oeuvres de Descartes*, Ed. Charles Adam & Paul Tannery, Vol IX. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.

Tradução portuguesa

Princípios da Filosofia. (Tradução de Leonel Ribeiro dos Santos). Lisboa: Editora Presença.

Horizonte temático

O projecto de refundação da ciência. A dúvida metódica e hiperbólica.

O *cogito*: verdade primeira e paradigmática. O critério da evidência. Distinção entre *res cogitans* e *res extensa*.

A existência e natureza divinas. A ideia de perfeição. Argumento *a priori* e argumentos *a posteriori*. A veracidade divina.

A legitimação do critério de evidência e a superação da dúvida. A possibilidade do erro: entendimento, vontade e liberdade. As ideias claras e distintas.

Substância, atributos e modos. Tipos de substância. As ideias de qualidades sensíveis. Causas do erro.

Ciência e fé.

Conceitos

Atributo. Ciência. Clareza. Cogito. Contingência. Deus. Deus enganador. Distinção. Dúvida. Dúvida hiperbólica. Entendimento. Erro. Evidência. Fé. Filosofia. Graus de saber. Infinitude. Liberdade. Modo. Necessidade. Perfeição. Princípio. Qualidades sensíveis. Res cogitans. Res extensa. Sentidos. Substância. Veracidade divina. Vontade.

Bibliografia

Alquié, F. (1980). *A Filosofia de Descartes*. Lisboa: Editorial Presença.

Beyssade, M. (s/d). *Descartes*. Lisboa: Edições 70.

Cottingham, J. (1993). *A Descartes Dictionary*. Oxford: Blackwell.

Koyré, A. (1983). *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: Editorial Presença.

Santos, L. R., Alves, P. M. S. & Cardoso A. (Coord.) (1998). *Descartes, Leibniz e a Modernidade*. Lisboa: Edições Colibri.

Santos, L. R. (2001). *Retórica da Evidência ou Descartes segundo a ordem das imagens*. Coimbra: Quarteto.

Carta sobre a Tolerância, John LOCKE

Edição de referência

Epistola de Tolerantia. A letter on toleration. Ed. J. W. Gough & R. Klibansky. Oxford: Clarendon Press.

Tradução portuguesa

Carta sobre a Tolerância. (Tradução de J. Silva Gama, revista por Artur Morão). Lisboa: Edições 70.

Horizonte temático

A tolerância religiosa como direito civil inalienável. Defesa da tolerância religiosa, com referências à própria natureza da religião, designadamente a cristã, mas centrada na questão política da relação entre o poder do Estado e os direitos do indivíduo.

A ambição de poder como causa fundamental da intolerância religiosa. Os conflitos e guerras como sua inevitável consequência.

Argumentos principais a favor da tolerância: a diferença da natureza (objecto, objectivos e meios de actuação) do Estado e da Igreja e conseqüente necessidade da radical separação e independência destas instituições; a autonomia absoluta da consciência em matéria de religião e de fé – a natureza do entendimento humano é a liberdade – e a autonomia relativa da consciência face ao poder civil; os limites do conhecimento humano – contradição entre o dogmatismo e a natureza da razão. Argumento subsidiário: a tolerância e a caridade como marcas da "verdadeira" Igreja – a incompatibilidade entre cristianismo e intolerância.

Consequências do princípio da tolerância: as excepções ou os excluídos da tolerância como garantia do próprio princípio da tolerância; a contribuição para a segurança e paz nos Estados.

Conceitos

Ateísmo. Bem civil. Bem privado. Bem público. Consciência. Deus. Dogma. Entendimento. Estado. Fé. Igreja. Lei civil. Lei religiosa. Liberdade. Magistrado. Opinião. Ortodoxia. Poder civil. Poder religioso. Razão. Religião. Tolerância. Verdade. Vontade.

Bibliografia

Aaron, R. I. (1971). *John Locke*. Oxford: Clarendon Press.

Christin, O. (1997). *La paix de religion: l'autonomisation de la raison politique au XVIe siècle*. Paris: Seuil.

Polin, R. (1960). *La politique morale de John Locke*. Paris: PUF.

Ricoeur, P. (1991) Tolerance, intolerance, intolerable. *Lectures I*. Paris: Éditions du Seuil.

Spitz, J.-F. (2001). *John Locke et les fondements de la liberté moderne*. Paris: P U F.

Investigação sobre o Entendimento Humano, David HUME

Edição de referência

An Enquiry concerning Human Understanding. Ed. Tom. L. Beauchamp. Oxford: Oxford University Press.

Tradução portuguesa

Tratados Filosóficos I – Investigação sobre o Entendimento Humano. (Tradução de João Paulo Monteiro). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Horizonte temático

Investigação sobre a natureza do entendimento humano centrada na questão da causalidade.

A origem e associação das ideias.

A teoria da crença causal, rejeição do fundamento metafísico - a probabilidade e a génese da ideia de conexão necessária.

A questão dos milagres e a religião. Irredutibilidade da fé à razão – aos princípios do entendimento, do costume e da experiência.

A incompatibilidade entre um cepticismo radical (pirronismo), a acção e a ciência.

A compatibilidade entre uma filosofia de um "cepticismo mitigado" – consciência da "estreita capacidade do entendimento" –, a ciência e a utilidade.

A filosofia ao serviço da "formação do entendimento", da luta contra o sofisma e a ilusão.

Conceitos

Acaso. Causa. Causalidade. Cepticismo. Consciência. Contiguidade. Costume. Crença. Efeito. Entendimento. Erro. Evidência. Experiência. Experimento. Fé. Filosofia. Hábito. Ideia. Imaginação. Impressão. Indução. Inferência. Instinto. Liberdade. Milagre. Natureza. Necessidade. Pensamento. Probabilidade. Providência. Questões de facto. Raciocínio demonstrativo. Raciocínio moral. Razão. Reflexão. Relações de ideias. Semelhança. Sensação. Sentimento.

Bibliografia

Monteiro, J. P. (1984). *Hume e a Epistemologia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Norton, D. F. (1982). *David Hume: Common Sense Moralist, Sceptical Metaphysician*. Princeton: Princeton University Press.

Owen, D. (2000). *Hume's Reason*. Oxford: Oxford University Press.

Wilson, F. (1997). *Hume's Defence of Causal Inference*. Toronto: University of Toronto Press.

Fundamentação da Metafísica dos Costumes, Immanuel KANT

Edição de referência

Grundelung zur Metaphysik der Sitten in Kant's Gesammelte Schriften (Ak). Vol. IV.

Tradução portuguesa

Fundamentação da Metafísica dos Costumes. (Tradução de Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70.

Horizonte temático

Estabelecimento do princípio supremo da moralidade – a propedêutica a uma metafísica dos costumes.

O caminho para o conhecimento moral filosófico. A questão da boa vontade. Boa vontade e felicidade. Acção *conforme ao dever* e acção *por dever*. Máxima e lei. A lei como princípio objectivo da vontade e a máxima como seu princípio subjectivo. O formalismo moral.

O caminho para a metafísica dos costumes. A determinação da natureza do ser racional. O plano prático. A questão dos imperativos. O imperativo categórico, o imperativo da moralidade. A problemática dos fins. Autonomia e heteronomia da vontade. A autonomia da vontade como princípio supremo da moralidade.

O caminho para a crítica da razão pura prática. A questão da possibilidade de um imperativo categórico. Autonomia da vontade e liberdade. Entendimento e razão. As ideias da razão. As antinomias da razão. As perspectivas fenoménica e numérica sobre o ser humano.

Conceitos:

A posteriori. *A priori*. Acção moral. Autonomia. Bem supremo. Boa vontade. Dever. Empírico. Felicidade. Fenómeno. Formalismo. Heteronomia. Inclinação. Imperativo categórico. Imperativo hipotético. Juízo sintético. Legalidade. Legislação prática. Legislador. Lei. Máxima. Móbil. Moralidade. Númeno. Princípio objectivo. Princípio subjectivo. Razão pura. Reino dos fins. Respeito. Súbdito. Universalidade racional.

Bibliografia

Barata-Moura, J. (Dir.) (1982). *Kant – Comunicações apresentadas ao Colóquio "Kant" organizado pelo Departamento de Filosofia em 25/11/1981*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Carmo Ferreira, M. J. (Org.) (2000). *A génese do idealismo alemão*. Lisboa: CFUL.

Cassirer, E. (1968). *Kant, vida y doctrina*. México: Fondo de Cultura Económica.

Caygill, H. (1992). *A Kant Dictionary*. Oxford: Blackwell.

Deleuze, G. (1987). *A Filosofia Crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70.

Soromenho Marques, V. (1994). *Razão e Progresso na Filosofia de Kant*. Lisboa: Edições Colibri.

Módulo 3

A Razão na História. Introdução à Filosofia da História Universal (Segundo projecto - 1830), **Georg Wilhelm Friedrich HEGEL**

Edição de referência

Die Vernunft in der Geschichte. In *Gesammelte Werke*, Ed. Hoffmeister. Vol. XII. Hamburgo: F. Meiner.

Tradução portuguesa

A Razão na História. Introdução à Filosofia da História Universal. (Tradução de Artur Morão). Lisboa: Edições 70.^{a)}

Horizonte temático

Princípio e resultado da filosofia da história universal: "a razão governa o mundo". Fim último da história – a realização do espírito no mundo como liberdade. Categorias da história: variação, rejuvenescimento, razão.

Tarefa da filosofia da história: apreender o conteúdo e o plano de realização da razão (Deus) na história.

"Meios" de realização do espírito: os povos e os indivíduos. Relação entre os ideais e paixões da individualidade singular, o espírito do povo e a realização dos ideais da razão – a astúcia da razão.

"Material" da realização do espírito: o Estado – expressão do povo como todo orgânico, união da vontade subjectiva e do universal. Efectividade da liberdade na constituição, nas instituições, nos tipos de governo. Relação entre o Estado e as "figuras conscientes" da união do subjectivo e do objectivo: religião, arte, filosofia.

O "curso da história" ou as etapas do processo dialéctico de realização do espírito, na organização mundana, como liberdade.

O curso da história universal como demonstração do poder de realização da razão – o mundo é como devia ser, o ideal realiza-se. O espírito é o sujeito, a sua realidade efectiva, é o seu resultado.

A filosofia como reconciliação – o conceber da identidade entre real e racional.

Conceitos

Abstracto. Arte. Astúcia da razão. Conceito. Concreto. Contingência. Cultura. Deus. Dever-ser. Dialéctica. Em si. Espírito. Espírito objectivo. Espírito subjectivo. Estado. Eiticidade. Fenómeno. Filosofia. Fim. Finito. História. Ideal. Ideia. Indivíduo. Infinito. Liberdade. Mediação. Moralidade. Necessidade. Negação. Paixão. Para si. Princípio. Progresso. Povo. Racional. Razão. Real. Religião. Representação. Resultado. Saber. Ser. Substância. Sujeito. Verdade/Verdadeiro.

Bibliografia

Barata-Moura, J. (1990). *A «Realização da Razão». Um Programa Hegeliano?* Lisboa: Editorial Caminho.

D' Hondt, J. (1966). *Hegel philosophe de l'histoire vivante*. Paris: PUF.

Hyppolite, J. (1988). *Introdução à Filosofia da História de Hegel*. Lisboa: Edições 70.

Inwood, M. (1992). *A Hegel Dictionary*. Oxford: Blackwell.

Mccarney, J. (2000). *Hegel on history*. New York/London: Routledge.

Taylor, Ch. (1975). *Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press.

^{a)} O texto de leitura integral é o "Segundo Projecto (1830)" pp. 25 – 154, da edição de 1995.

Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844, Karl MARX

Edição de referência

Ökonomische-philosophische Manuskripte (2ª versão). In Karl Marx Friedrich Engels *Gesamtausgabe* (MEGA). Vol. I/2. Berlim: Dietz Verlag.

Tradução portuguesa

Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844. (Tradução de Maria Antónia Pacheco). Lisboa: Edições Avante!

Horizonte temático

Crítica da economia política que aceita como um facto, sem "conceber" o seu fundamento, a divisão de trabalho e capital, de capital e terra.

O trabalho e a realização do homem.

O trabalho alienado e a consequente miséria/alienação humana material e moral.

A explicação da génese do trabalho alienado a partir da divisão do trabalho manual e do trabalho intelectual, da propriedade privada e da dominação do capital sobre o trabalho.

Afirmação da natureza dialéctica do real e da história do homem.

Crítica à dialéctica hegeliana por reduzir o humano à autoconsciência, por apresentar uma interpretação limitada da alienação e da sua superação.

Conceitos

Abstracção. Alienação. Capital. Ciência. Comunismo. Concorrência. Consciência. Desapossamento. Dialéctica. Emancipação. Economia. Especulação. História. Humanismo. Idealismo. Liberdade. Lucro. Materialismo. Mercadoria. Natureza. Objectivação. Operário. Propriedade privada. Proprietário. Produção. Salário. Sensibilidade. Trabalho. Vida genérica. Vida individual. Vida social.

Bibliografia

Avineri, S. (1978). *O pensamento político e social de Karl Marx*. Coimbra: Coimbra Editora

Lapine, N. (1981). *O jovem Marx*. Lisboa: Editorial Caminho

Löwy, M. (1997). *La Théorie de la Révolution chez le Jeune Marx*. Paris: Éditions Sociales.

Meunier, J.-G. (1982). *Genèse du materialisme dans les écrits de jeunesse de Karl Marx*. Ottawa: Presses de l'Université d' Ottawa.

Terrell Carver (Ed.) (1992). *The Cambridge Companion to Marx*. Cambridge: Cambridge University Press.

Utilitarismo, John Stuart Mill

Edição de referência

Utilitarianism. London: Longmans, Green, Reader and Dyer.

Tradução Portuguesa

Utilitarismo. (Tradução de Eduardo Rogado Dias). Coimbra: Atlântida Editora.

Horizonte temático

Defesa da Utilidade ou do Princípio de Maior Felicidade como critério legítimo da conduta moral: estabelecimento do que está em jogo na perspectiva utilitarista da ética em confronto com as visões vulgares do utilitarismo e com as críticas de natureza filosófica.

A felicidade como todo concreto e não como ideia abstracta. A felicidade, o prazer e a ausência de dor. A quantidade e a qualidade dos prazeres e a definição de padrões de existência de acordo com a dignidade humana e a nobreza de carácter. Felicidade individual e felicidade geral: os sentimentos sociais da humanidade. Felicidade e justiça.

Conceitos

Conveniência. Desejo. Dignidade humana. Dor. Experiência. Faculdade moral. Felicidade. Felicidade geral. Fins. Fins últimos. Hábito. Juízos morais. Justiça. Meios. Moralidade. Obrigação moral. Prazer. Princípio de utilidade ou de maior felicidade. Quantidade e qualidade. Sanção moral. Sentimentos sociais. Virtude. Vontade.

Bibliografia

Boss, G. (1990). *John Stuart Mill, Induction et utilité*. Paris: PUF.

Caille, A. & Lazzeri, C. (dir.) (2001). *Histoire raisonnée de la philosophie morale et politique*. Paris: La Découverte.

Crisp, R. (1997). *Routledge Philosophy Guidebook to Mill on Utilitarianism*. London: Routledge.

Davidson, W. L. (1942). *Political thought in England: the utilitarians from Bentham to Mill*. London: Oxford University Press.

Scarre, G. (1996). *Utilitarianism*. London: Routledge.

Smith, G. W. (Ed.) (1998). *John Stuart Mill's Social and Political Thought*. London: Routledge.

***O Nascimento da Tragédia ou Mundo Grego e Pessimismo*^{b)} Friedrich NIETZSCHE**

Edição de referência

Die Geburt der Tragödie oder Griechenthum und Pessimismus in Sämtliche Werke, Kritische Studienausgabe in 15 Bänden (Vol. 1). Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Munique/Berlim: DTV, de Gruyter.

Tradução portuguesa

O Nascimento da Tragédia ou Mundo Grego e Pessimismo in Obras Escolhidas de Nietzsche. (Vol. 1). (Tradução de Teresa R. Cadete). Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Horizonte temático

O trágico como a expressão autêntica do ser ou o percurso e a crítica da cultura ocidental.

A tragédia ática – "milagre" da união do dionisíaco e do apolíneo; a sua génese no espírito da música.

O espírito dionisíaco (música, êxtase, essência, aniquilação do indivíduo subjectivo, impulso de vida, uno primordial) e o espírito apolíneo (sonho, beleza, forma, aparência, princípio da individuação, palavra) como forças artísticas opostas nascidas da própria natureza.

A dimensão metafísica da arte – "só como *fenómeno estético* é que a existência e o mundo encontram uma *legitimação eterna*".

Da afirmação do instinto criador e da vida na tragédia grega à morte do trágico com o triunfo do "homem teórico" (justificação racional e ética da existência, supremacia da palavra/conceito, ilusão da ciência) – a oposição inconciliável Diónisos – Sócrates.

Consequências do optimismo teórico: morte ou adulteração da arte - perda do "génio da música" e da "inteligência do mito"; decadência da cultura.

A falência da cultura antitrágica e os sinais de ressurgimento do trágico na contemporaneidade, na filosofia e na música alemãs.

Conceitos

Aparência. Apolíneo. Arte. Artista. Beleza. Ciência. Conceito. Conhecimento. Consciência. Consolação metafísica. Cultura. Dionisíaco. Dor/sofrimento. Essência. Estética. Ética. Excesso. Existência. Êxtase. Homem teórico. Imagem. Instinto. Intuição. Linguagem. Medida. Mito. Música. Natureza. Objectivo. Optimismo teórico. Palavra. Poesia. Pessimismo prático. Princípio da individuação. Razão. Simbolismo. Socratismo estético. Sonho. Subjectivo. Tragédia. Trágico. Uno primordial. Verdade Vida. Vontade.

Bibliografia

Deleuze, G. (1962). *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: PUF.

Fink, E. (1988). *A Filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Editorial Presença.

Marques, A. (Org.) (1989). *Nietzsche: Cem Anos Após o Projecto «Vontade de Poder - Transmutação de Todos os Valores»*. Lisboa: Vega

Nabais, N. (1997). *Metafísica do Trágico*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

^{b)} 3ª edição de 1878.

A Crise do Homem Europeu e a Filosofia, Edmund HUSSERL

Edição de referência

Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie in *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Vol.VI.

Tradução portuguesa:

A crise do Homem europeu e a Filosofia. (Tradução de Nuno Nabais). Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Horizonte temático

O tema da crise da Europa – sua compreensão, e possibilidade de superação, a partir da "teleologia da história europeia".

A caracterização do fenómeno "Europa" como emergência de uma nova época da humanidade – a sua génese na filosofia, ciência do universal.

A génese da crise europeia na alienação da racionalidade geradora da Europa, na perda do sentido da autosuficiência do espírito, num racionalismo ingénuo e dualista – o objectivismo.

A indissociabilidade entre a crise e a dicotomia ciências da natureza e ciências do espírito.

A fenomenologia transcendental como o método que permite superar o "objectivismo naturalista" e criar uma ciência autónoma do espírito.

A crise e as duas únicas hipóteses para a Europa: o declínio, o alheamento do seu próprio sentido racional de vida; o renascimento a partir do espírito da filosofia – a possibilidade de um futuro para a humanidade.

Conceitos

Alienação. Ciência. Ciências da natureza. Ciências do espírito. Crise. Crítica. Cultura. Espírito. Europa. Fenomenologia transcendental. Filosofia. Finitude. Historicidade. Humanidade. Ideal. Infinitude. *Logos*. Mundo-ambiente. Natureza. Objectividade. Objectivismo. *Praxis*. Preconceito. Racionalismo. Razão. Real. Representação. *Telos*. Teoria. Tradição. Universalidade. Verdade.

Bibliografia

Funke, G. (1987). *Fenomenologia: metafísica o método?* Caracas: Monte Avila Editores.

Gomez Romero, I. (1986). *Husserl y la crisis de la razón*. Madrid: Editorial Cincel.

Nabais, N. (1998). *A evidência da possibilidade*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Paisana, J. (1992). *Fenomenologia e hermenêutica. A relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger*. Lisboa: Editorial Presença.

Ricoeur, P. (1986). *À l'école de la phénoménologie*. Paris: Vrin.

Os Problemas da Filosofia, Bertrand RUSSELL

Edição de referência

The Problems of Philosophy. Oxford: Oxford University Press.

Tradução portuguesa

Os Problemas da Filosofia. (Tradução de António Sérgio). Coimbra: Arménio Amado.

Horizonte temático

Aparência e realidade. Senso comum e filosofia. O problema do conhecimento. Dados sensíveis e objectos físicos. Existência e natureza da matéria. Crítica do idealismo.

Análise crítica dos diferentes tipos de conhecimento: conhecimento de coisas e conhecimento de verdades. Conhecimento por intimidade e conhecimento por descrição. O problema da indução. Os princípios gerais de inferência. O conhecimento *a priori*. Os universais. O conhecimento intuitivo.

O problema da verdade. Conhecimento, erro e opinião. Os limites do conhecimento.

O valor da filosofia.

Conceitos

Conhecimento. Conhecimento *a priori*. Conhecimento de coisas. Conhecimento de intimidade. Conhecimento de verdades. Conhecimento intuitivo. Conhecimento por descrição. Crença. Crítica. Dados sensíveis. Dedução. Dogmatismo. Erro. Existência. Filosofia. Idealismo. Ideia. Indução. Inferência. Matéria. Metafísica. Objecto físico. Opinião provável. Princípios gerais. Sensação. Senso comum. Ser. Universais. Verdade.

Bibliografia

Ayer, A. J. (1988). *Bertrand Russell*. Chicago: Chicago University Press.

Eames, E. R. (1969). *Bertrand Russell's Theory of Knowledge*. London: George Allen & Unwin.

Ferreira, M. L. R. & Ximenez, M. T. (1995). *Os problemas da filosofia. Bertrand Russell*. Lisboa: Texto Editora.

Hylton, P.W. (1990). *Russell, Idealism, and the Emergence of Analytic Philosophy*. Oxford: Clarendon Press.

Pears, D. F. (1967). *Bertrand Russell and the British Tradition in Philosophy*. London: Collins.

A Origem da Obra de Arte, Martin HEIDEGGER

Edição de referência

Der Ursprung des Kunstwerkes, In *Holzwege. Gesamtausgabe.* (Vol. 5), F.-W. Ed. von Hermann, Frankfurt a. M.: Vittorio Klostermann.

Tradução portuguesa

A origem da obra de arte, in *Caminhos de Floresta.* Ed. Inês Borges – Duarte (Tradução Helga Hooek Quadrado). Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

Horizonte temático

Origem, essência e verdade. A proveniência da essência da obra de arte.

Coisa e obra. As concepções de coisidade no pensamento ocidental.

O utensílio e a sua fiabilidade. A obra de arte e a revelação do ser-utensílio.

A essência da obra de arte como o pôr-se-em-obra-da-verdade: o combate entre terra e mundo. O levantar-se do mundo elaborando a terra na obra. A verdade como *aletheia* ou o não-estar-encoberto do ente.

A poesia como essência da arte.

Conceitos

Acontecimento. *Aletheia*. Apropriação. Clareira. Coisidade. Combate. Ente. Essência. Fiabilidade. Figura. Filosofia. Forma. Historicidade. Matéria. Mundo. Obra de arte. Origem. Poético-poesia. Ser. Ser-posto-em-obra. Terra. Utensílio. Verdade.

Bibliografia

Baptista-Pereira, M. (1998). A essência da obra de arte no pensamento de M. Heidegger e de R. Guardini. *Revista Filosófica de Coimbra*, Vol. 7, nº 13, pp. 3-54.

Borges-Duarte, I. (1989). Heidegger: a arte como epifania. *Filosofia*, Vol. III, nºs 1-2, pp. 63-107.

Paisana, J. (1992). *Fenomenologia e hermenêutica. A relação entre as filosofias de Husserl e Heidegger.* Lisboa: Editorial Presença

Pöggeller, O. (1986). *El Camino del pensar de Martin Heidegger.* Madrid: Alianza Editorial.

Vattimo, G. (1998). *Introdução a Heidegger.* Lisboa: Instituto Piaget.

Edição de referência

Truth and Politics *in Between past and future: eight exercises in political thought*. New York: Viking Press.

Tradução portuguesa

Verdade e Política. (Tradução de Manuel Alberto). Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Horizonte temático

Sobre a relação entre a natureza da verdade e a natureza do político. Possibilidade, oportunidade e sentido de dizer sempre a verdade ou de *dizer o que é*.

Verdade racional e verdade de facto. Verdade, erro, ilusão, opinião e falsidade. Mentira organizada e coisa pública.

A política e o uso público da razão. A questão da convergência ética e política da acção humana.

Conceitos

Cidadania. Ciência. Coerção. Coisa pública. Comunicação. Erro. Ideologia. Ilusão. Interesse comum. Justiça. Liberdade. Manipulação. *Mass-media*. Mentira organizada. Opinião. Persuasão. Poder. Política. Razão de estado. Retórica. Sofística. Uso público da razão. Verdade. Verdade de facto. Verdade de razão.

Bibliografia

Amiel, A. (1997). *Hannah Arendt. Política e Acontecimento*. Lisboa: Instituto Piaget.

Arendt. In AAVV, *Poiética do Mundo. Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves* (pp. 435-457). Lisboa: Edições Colibri.

Cantista, M. J. (2001). A significação do Bios Politikós ou o regresso ao pensamento em Hannah

Collin, F. (1999). *L'homme est-il devenu superflu? Hannah Arendt*. Paris: Odile Jacob.

Pacheco, A. (2001). Hannah Arendt e a condição humana. In AAVV, *Poiética do Mundo. Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves* (pp. 435-457). Lisboa: Edições Colibri.

Roviello, A. M. (1997). *Senso comum e modernidade em Hannah Arendt*. Lisboa: Instituto Piaget.

4ª PARTE – Bibliografia

AAVV (1996). *La dissertation de philosophie*. Paris: CNDP.

Conjunto de testemunhos e ensaios sobre os desafios da didáctica da dissertação a que se juntam alguns textos de referência sobre o valor e as possibilidades efectivas da dissertação no ensino secundário.

Benoit, M., Carre, M & Tozzi, M. (1996). *Étude Philosophique d'une notion, d'un texte*. Paris/Montpellier: CNDP/CRDP.

O livro reúne duas propostas didácticas. A primeira (*Étude philosophique d'une notion*) fornece indicações metodológicas para um trabalho de conceptualização de uma noção: a) por aproximação linguística, b) por aproximação extensiva, c) por aproximação predicativa e d) por aproximação mediante problematização das representações comuns. A segunda proposta didáctica (*Étude philosophique d'un texte*) incide sobre o trabalho textual, designadamente sobre a leitura e os seus obstáculos.

Cornu, L. *et al.* (1994). *L'enseignement de la philosophie à la croisée des chemins*. Paris: CNDP.

O livro reúne textos de vários autores sobre os desafios actuais do ensino da filosofia no secundário e sobre as dificuldades, sobretudo linguísticas, do novo público escolar da filosofia. O livro apresenta também uma bibliografia muito completa, ordenada cronologicamente, sobre a história recente do ensino da filosofia em França, no *Bac*.

Cossuta, F. (1998). *Didáctica da Filosofia*. Porto: Asa.

As dimensões constitutivas do texto filosófico - Proposta de um método de leitura.

Folscheid, D. & Wunennburger, J.-J. (1997). *Metodologia Filosófica*. São Paulo: Martins Fontes.

A leitura e produção de textos na aprendizagem da filosofia. Explicação e comentário de textos, dissertação - abordagem teórica e exercícios práticos.

Gadamer, H.-G. (2000). *Texto e interpretação*. In I. Borges-Duarte, F. Henriques, I. Matos Dias (org.), *Texto, Leitura e escrita* (pp. 63-94). Porto: Porto Editora.

Gadamer defende aqui a tese de todo o texto ser diálogo, isto é, produto de uma interpretação. Não há texto sem interpretação. É esta que faz com que um texto seja um texto.

Galay, J. L. (1977) *Philosophie et Invention Textuelle*. Paris: Klincksieck.

Obra sobre a textualidade em geral e sobre a textualidade filosófica em particular, ocupando-se em mostrar de que modo a textualidade é constituinte da construção da filosofia, evidenciando a implicação recíproca entre o dito e a forma em que tal dito se diz.

Jiménez, C. A. & Taix, V.V. (1996). *Teoría y Práctica del Comentario de Texto Filosófico*. Madrid: Editorial Síntesis.

Feitas algumas considerações sobre a teoria e as práticas do comentário de texto, os autores especificam diversas tarefas inerentes aos vários passos possíveis do comentário textual: análise metódica, comentário crítico e apreciação pessoal. Esta publicação tem ainda a vantagem de recolher múltiplos esquemas de análise e comentário propostos por vários autores.

Lefranc, J. (1974). *Commentaire de texte philosophique. Revue de l'Enseignement Philosophique*, pp. 24/6.

Precedido de uma introdução de Jean Lefranc, este número da revista colige os testemunhos e as sugestões metodológicas para o comentário de texto filosófico saídas das Jornadas Pedagógicas de Montpellier (18-19/II/1971). O texto vale pelo elevado número de sugestões práticas.

Martinich, A. P. (1996). *Philosophical Writing. An Introduction*. Oxford: Blackwell.

Uma obra útil para orientar os estudantes na redacção de ensaios filosóficos, evidenciando a articulação entre o pensar com clareza e o escrever com clareza. O livro trata de questões que vão desde a relação entre autor (aluno) e auditório (professor) até à lógica e argumentos para a escrita, estrutura, técnicas de composição e exigências formais de um ensaio filosófico.

Miraball, H. (1994). *Argumenter au lycée. Modules et séquences*. Toulouse: Bertrand-Lacoste/CRDP Midi-Pyrénées.

Para além de um conjunto de referências históricas (1.^a parte) sobre retórica e argumentação, a autora caracteriza e explicita (2.^a parte) os desafios da situação argumentativa. A terceira parte é dedicada à produção de textos argumentativos (redacção de um parágrafo argumentativo e selecção de estratégias argumentativas).

Raffin, Françoise (1994). *La dissertation philosophique*. Paris: Hachette.

Conclusões de um projecto de investigação em didáctica da filosofia, sobre "a dissertação filosófica, uma didáctica em construção", levado a cabo pela equipa de investigação em didáctica da filosofia, coordenada pela autora, no departamento de Didácticas das disciplinas do INRP – Institut National de Recherche Pédagogique, de Paris.

Raffin, Françoise (1995). *La lecture philosophique*. Paris: Hachette.

Elaborado, como o anterior, pela equipa de didáctica da filosofia do INRP, reúne as conclusões da investigação sobre a leitura filosófica. O trabalho aborda, num 1.^a capítulo, as dificuldades e os impasses que podem levar a falsas leituras filosóficas; num 2.^a capítulo trata das condições de uma verdadeira leitura filosófica.

Rehfus, Wulff D. / Becker, Horst (Hrsg.) (1986). *Handbuch des Philosophieunterrichts*. Dusseldorf: Schwann.

Seguramente uma das obras de referência em ensino da filosofia. Reúne os contributos mais representativos das várias correntes que na Alemanha se têm pronunciado sobre ensino da filosofia e têm apresentado propostas didácticas concretas para o ensino e aprendizagem do filosofar.

Ricoeur, P. (1986). *Qu'est-ce qu'un texte?* In *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II* (pp. 137-159). Paris: Seuil.

Partindo da articulação crítica entre a atitude explicativa e a atitude compreensiva, como modelos epistemológicos, Ricoeur configura, neste texto, o conceito de interpretação como o processo dialéctico entre explicar e compreender.

Ricoeur, P. (1986). *La fonction herméneutique de la distanciation.* In *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, (pp. 101-117). Paris: Seuil.

O autor estabelece, neste trabalho, o conceito de texto e o seu correlato "mundo do texto" como sendo os mediadores da construção de uma figura epistemológica de Hermenêutica que supere a antinomia gadameriana entre verdade e método.

Rollin, F. (1982). *L'Éveil philosophique, apprendre à philosopher.* Paris: UNAPEC.

Depois de passar em análise as dificuldades psico-afectivas da aprendizagem do filosofar (1.ª parte), considerados alguns dos contributos da pedagogia de inspiração cognitivista (2.ª parte), a autora consagra a 3.ª parte (a mais extensa) à apresentação de um grande número de estratégias pedagógicas, designadamente para a aprendizagem do questionamento filosófico, do pensamento conceptual, da dissertação e da leitura de textos filosóficos.

Russ, Jacqueline (1992). *Les méthodes en philosophie.* Paris: Armand Colin.

Obra em torno da questão do método, da sua fundamentação filosófica e do seu exercício. Compõe-se de três partes, sendo a primeira de fundamentação teórica e as outras duas de carácter prático reportando-se à problemática da dissertação filosófica e à do comentário de texto.

Seech, Z. (1997). *Writing philosophy papers.* Boston-Madrid-Tokyo: Wadsworth Publishing Company.

Como o título indica, este livro ocupa-se com a formulação de orientações em ordem à produção de trabalhos escritos de filosofia. A obra analisa as exigências e as especificidades implicadas na realização de diferentes tipos de trabalho e dedica, igualmente, um capítulo às questões da linguagem.

Tozzi, M. & Molière, G. (coord.) (1995). *Lecture et écriture du texte argumentatif en français et en philosophie.* Paris: CNDP.

Trabalho interdisciplinar (didáctica da filosofia e didáctica do francês/língua materna) em matéria de leitura e redacção do texto argumentativo, pondo em evidência a especificidade e a complementaridade das abordagens. Um contributo útil para, entre nós, se esclarecer o trabalho que cabe aos professores e às professoras de Filosofia, por um lado, e aos de Língua Portuguesa, por outro.

Woodhouse, Mark B. (1994). *A Preface to Philosophy*. Belmont-California: Wadsworth Publishing Company.

Trata-se de uma obra que pretende fazer uma aproximação geral à caracterização da filosofia, abordando os seus aspectos cognitivos, diferenciando-os dos científicos, e os seus aspectos práticos. Neste quadro, dedica um capítulo (VIII) a fornecer orientações práticas sobre a escrita de textos filosóficos.

FILOSOFIA NA INTERNET – Alguns Endereços

Directório da *Yahoo* para a Filosofia – <http://dir.yahoo.com/Arts/Humanities/Philosophy/>

Enciclopédia de Filosofia de Stanford – <http://plato.stanford.edu/>

Enciclopédia de Filosofia da Internet – <http://www.utm.edu/research/iep/>

Noesis – busca filosófica *on-line* – <http://noesis.evansville.edu/bin/index.cgi>

Crítica: Central de filosofia e cultura – <http://www.criticanarede.com/>

A Filosofia desde o Iluminismo – <http://www.philosopher.org.uk/>

Episteme – ligações – <http://www.epistemelinks.com>

Guia de filósofos de Bjorn Christenson – <http://www.knuten.liu.se/~bjoch509/>

Platão na Internet – ligações – <http://plato-dialogues.org/>

Uma versão interactiva do *Górgias* de Platão^o – <http://www.dfw.net/~sherrin/plato.html>

Aristóteles na Internet – ligações – <http://paul.bullen.com/AristotleLinks.html>

Área de procura da *Argos* para a "Internet Antiga e Medieval" – <http://argos.evansville.edu/>

Livro de recursos da "Internet Medieval" – <http://www.fordham.edu/halsall/sbook.html>

Directório *web* de S. Agostinho – <http://www.geocities.com/Athens/1534/august.html>

Argumento ontológico de S. Anselmo – <http://www.fordham.edu/halsall/basis/anselm-critics.html>

Descartes na Internet – ligações – <http://www.utm.edu/research/iep/d/descarte.htm>

Locke, biografia, obras, ligações – <http://www.orst.edu/instruct/ph1302/philosophers/locke.html>

Hume na Internet – ligações – <http://plato.stanford.edu/entries/hume>

Kant na Internet – ligações – <http://comp.uark.edu/~rlee/semiau96/kantlink.html>

Hegel na Internet – ligações – <http://www.hegel.org>

Marx na Internet – ligações – <http://www.marxists.org/archive/marx>

Manuscritos de 1844 de Marx e interpretações – <http://home.freeuk.com/lemmaesthetics/>

Stuart Mill – biografia e obras – <http://www.utilitarianism.com/jsmill.htm>

Nietzsche na Internet – ligações – <http://www.fns.org.uk/fnslink.htm>

Página de Husserl – <http://www.husserlpage.com/>

Arquivos de B. Russell da Universidade de McMaster – <http://www.mcmaster.ca/russdocs/russell.htm>

Ereignis (acontecimento) Heidegger – ligações – <http://www.webcom.com/paf/ereignis.html>

H. Arendt na Internet – ligações – <http://www.greats2000.org/parsed-data/articles/ArendtHannah.html>

^o Embora elementar, pode ser uma experiência motivadora para os alunos.